

# POESIA DESCALÇA

São precisos 60 anos e não 9 meses para fazer um homem. ANDRÉ MALRAUX

Nº 113 - Ano 13 - Recife, maio/junho - 2012 - Distribuição gratuita.

## VÁRZEA

Samboques nas pernas  
Dedos dilacerados  
Sorriso nos lábios  
Vitórias no charco, na lama:  
Não sentia dor  
Ou fingia não sentir

Nosso band-aid  
Era um punhado de areia  
Em cima do ferimento

Nenhum sapato alto  
Porque não havia sapato  
Minha primeira chuteira  
Foi um Conga velho  
Escorregadio, driblador  
Num campo 30% de grama

Púbere  
Não sabia que uma simples pelada  
Despertava antitoxinas no corpo

Sabia (sim) que a tristeza do mundo  
Difícilmente invadiria  
As quatro linhas imaginárias  
Do nosso campo de peladas.

## JOCA DE OLIVEIRA

([ianomangue@elogica.com.br](mailto:ianomangue@elogica.com.br))

\*\*\*

## PASSOS

Nunca fui das casas  
Que também não foram minhas  
Me abrigo – eis tudo – passa-se o tempo  
Mas minha vontade  
É pertencer aos telhados

HELENA ORTIZ  
(Em Par)

## RESISTÊNCIA

Uma canção de amor  
Eu construo agora  
Com meus sonhos  
E a tua boca  
De fome de tudo

JORGE LOPES

UM NINHO SE FAZ EM PAZ.

(Poeta FRANÇA)

A verdade o libertará. Mas primeiro vai  
incomodá-lo muito. GLORIA STEINEM

## do poeta palestino Mahmoud Darwish:

‘Vou continuar humanizando até o inimigo.  
O primeiro professor que me ensinou  
hebraico era judeu. O primeiro caso de amor  
em minha vida foi com uma moça judia. A  
primeira juíza que me mandou para a cadeia  
era uma judia. Assim, desde o início não vi  
os judeus como demônios ou anjos, mas  
como seres humanos.

## VIVER

Viver  
É ter um olho  
Na fresta do tempo  
É cravar as unhas na raiz  
Do medo cotidiano  
É correr  
Com todos os pés descalços  
Pelas calçadas do sonho.

FRANCISCO CLEÓBULO TEIXEIRA

O intelectual é um urubu  
Que se julga vestido,  
Mas que está nu,  
Com uma pena de pavão  
Enfiada  
No cu.

DANIEL LIMA (Poemas)



O bom de ser alternativo é não esperar  
pelo Ministério da Cultura.

## Trecho de GOIABA BICHADA

Meu corpo denuncia o calor que a noite traz. Está  
horrível no quarto. O gemido do fogo que o vento  
não vem matar. Por onde vai um vento bom para  
tudo? As coisas não se deviam postar entre tédio e  
sono, muriçocas e pensamentos, o inferno das  
minhas noites.

Avisto o escuro com olhos pensos como os de um  
velho marinheiro que já não se pode fazer ao mar;  
um velho olhar no cais noturno... um relógio tosse  
doze badaladas; um outro arrulha em dueto. Uma  
visagem magrém são ratos que transitam  
sutilmente e que, decepcionados, tornam aos seus  
nichos como fantasmas vaiados por crianças.  
Outras pinturas empoeiradas e falidas resvalam  
assustadas. Morcegos, noites e outros medos  
invadem o meu escuro impenetrável, daqueles que  
não admitem sequer um vaga-lume míope! Só há  
disto aqui.

Um relógio fora de tempo, agora, chocalha feito  
aqueles jumentos de quando eu não era um  
homem blindado de escuridão. O tempo está velho  
e a noite flui. Angústias e certos problemas  
modernos me afligem. Sentimentos em revoada  
investem contra um peito mirrado qual tropel  
endemoniado de cavalos em disparada! Um  
conjunto de medos me pinga um suor e tem sido  
isto. Quem já passou pelo que vivo, há de saber o  
que é a minha despeita, revolta e impotência  
nestas noites agoniadas que assisto!

WILSON VIEIRA  
([jose.wilson59@yahoo.com.br](mailto:jose.wilson59@yahoo.com.br))

Quando eu forço,  
Ele nunca se mostra...  
Ao esquecê-lo,  
De repente e forte,  
Chega-me o poema.

RAIMUNDO GADELHA  
(Um Estreito Chamado Horizonte)

<p><b>ANTEMANHÃ</b></p> <p>Piam, já distantes, os pássaros noturnos, E ainda os galos não cantaram.</p> <p>Se abrires os olhos antes do sono terminar, Verás que tudo dorme. As pessoas, os móveis, Os talheres na gaveta.</p> <p>Te verás enfim fora do tempo E como teu corpo cai Em seu passado perdido!</p> <p><b>GERALDINO BRASIL</b> (Antologia Didática de Poetas Pernambucanos)</p>	<p><b>ABRAÇA-ME</b></p> <p>Abraça-me Para que se eu perder a minha estrela Sejas tu o pastor Para que se as minhas raízes mergulharem fundo Encontrem o teu abismo Para que se eu desperdiçar a minha vida De ti consigo vidas e países.</p> <p><b>JOUMANA HADDAD</b>, poetisa nascida em Beirute, no Líbano.</p> <p>.....</p> <p>Quando descobrimos a Árvore dos Desejos, Fez-se imperativa a colheita dos frutos.</p> <p><b>BALAU, o PROFETA.</b></p>	<p><b>CUMES</b></p> <p>B. morreu levando consigo o segredo De como entrar na loucura Sem enlouquecer. Psicólogos tentavam em vão Seguir-lhe os passos Mas suas barbas brancas Apenas simbolizavam As sinuosidades Que as linguagens não penetram. Pra mim, Ele sempre foi Uma lanterna letal, Veneno que só ele bebia Sem se envenenar. Eu o temia E sempre o olhei de longe: O pouco de luz Que até mim chegava Já me bastava.</p> <p><b>LARA</b></p>
<p>A seriedade Dos homens de plástico Que leem jornais E não veem Os Ipês roxos Floridos Da Agamenon Magalhães Esmaga Todo o cotidiano!</p> <p><b>CARLOS MAIA</b></p>	<p>Em cores de arara Meu corpo espera. Meus olhos são os olhos do Recife. Estranhos vigilantes de um cais ferido. Rasgada a garganta de espanto, Meus gritos são farpas elétricas adormecidas. O coração, mar arregaçado, Espera dias e noites. Ualri revelou os segredos E há trezentas e sessentas luas Que não canto.</p> <p><b>MANOEL CONSTANTINO</b></p>	<p><b>LEMBRANÇA</b></p> <p>Eu sorriera. Nada mais. De repente, porém, eu soube Na profundidade de meu silêncio Que ele me seguia. Como minha sombra, leve e sem culpa. Na noite uma canção soluçou... Os índios se estendiam, como serpentes, pelas vielas da cidade. Uma harpa e uma jarana eram a música, e as morenas sorridentes eram a felicidade. Ao fundo, atrás do “Zócalo”, o rio cintilava e escurecia, como os momentos de minha vida. Ele me seguia. Acabei chorando, isolada no pórtico da igreja paroquial, Protegida por meu xale de bolita, Encharcado por minhas lágrimas.</p> <p><b>FRIDA KAHLO</b></p>
<p>Convém não facilitar com os bons, convém não provocar os puros. Há no ser humano, e ainda nos melhores, uma série de ferocidades adormecidas. O importante é não acordá-las.</p> <p><b>2012: Centenário de nascimento do jornalista, dramaturgo e cronista, NELSON RODRIGUES.</b></p>	<p>Um peixe. Um pedaço de trapo que fosse Atirado numa estrada Em que todos pisam Um pouco de brisa Uma gota de chuva Uma lágrima Um pedaço de livro Uma letra ou um número Um nada, pelo menos Desesperadamente nada.</p> <p><b>PAGU</b></p>	<p><b>MOMENTO NUM CAFÉ</b></p> <p>Quando o enterro passou Os homens que se achavam no café Tiraram o chapéu maquinalmente Saudavam o morto distraídos Estavam todos voltados para a vida Absortos na vida Confiantes na vida.</p> <p>Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado Olhando o esquife longamente Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade Que a vida é traição E saudava a matéria que passava Liberta para sempre da alma extinta.</p> <p><b>MANUEL BANDEIRA</b> Estrela da Manhã, 1936.</p>
<p><b>ALUVIÃO</b></p> <p>Planície aluviônica se alastra Em água salobra Pina, Jordão, Tejiipió, Capibaribe E Beberibe; Deságuam chiés e camelôs Na Terra dos Mascates Biscates do desemprego Matéria orgânica e inorgânica Decantam, depositam no leito Do lento Areias, cascalhos, e o humo Dos manguezais. Ostras filtram Entre a harmonia das membranas E o desequilíbrio dos plásticos Impermeáveis, Nas nódoas das raiais Do Tempo Permeia o tanino.</p> <p><b>PAULO JOFILSAN</b></p>	<p><b>APELO AO QUIXOTE</b></p> <p>Não deixes que a tua Armadura enferruje. Principalmente no peito, Que é perto do coração.</p> <p>Segura a espada, Larga o escudo, Pois medo não é proteção. Permite que o sol bata na poeira E o vento leve o sujo Do aço que te cobre.</p> <p>Na loucura, só na loucura, Estarás liberto. O teu mito É sol, liberdade e céu aberto.</p> <p><b>MAXIMIANO CAMPOS</b></p>	